

A SOMBRA DO HOLOCAUSTO
DE NEIDA LÚCIA MORAES:
ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA

A SOMBRA DO HOLOCAUSTO
BY NEIDA LÚCIA MORAES:
BETWEEN FICTION AND HISTORY

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

No Espírito Santo temos uma significativa produção literária exercida por mulheres e entre elas destaca-se Neida Lúcia Moraes, professora universitária, historiadora e romancista, colecionadora de títulos, diplomas e prêmios nacionais e internacionais. A autora nasceu em 09 de junho de 1929, em Vitória, Espírito Santo.

Em suas obras a escritora centra-se nos aspectos sociais e políticos do Estado em que nasceu. Sua competência e projeção social a levaram a exercer cargos administrativos no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, na Biblioteca Pública Estadual e na Divisão de Ciências Humanas e Literatura do Departamento Estadual de Cultura. Fez parte do Conselho Estadual de Cultura, é

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sócia da Sociedade Portuguesa de Estudo do Século XVIII e da Academia de Letras de Cascais, é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e, em 1984, ingressou na Academia Espírito-santense de Letras, sendo a terceira ocupante da Cadeira 19, cujo Patrono é João Motta, e a segunda mulher a ocupar essa Arcádia. Em 1991, tomou posse como membro da Academia de Letras e Artes de Portugal.

Neida Lúcia publicou obras historiográficas e didáticas, abordando o passado capixaba, tendo como tema principal o progresso do Espírito Santo. Um exemplo dessas produções é a obra *O Espírito Santo: história de suas lutas e conquistas* (2002), na qual ela aborda várias etapas da história do Espírito Santo, tais como, a ocupação original pelas tribos nativas, as capitâncias hereditárias, a escravidão, a presença dos jesuítas, o impacto dos ciclos econômicos na região. Dá notícia também dos feitos do primeiro donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, e da importância da visita ao estado de Dom Pedro II em 1860.

Na produção autoral de Neida Lúcia Moraes, acrescentam-se poesias e artigos, publicados em antologias, e romances que, na maioria, enfocam acontecimentos ocorridos no Espírito Santo e ou no Brasil e no exterior. Algumas dessas obras alcançaram projeção internacional e foram traduzidas para o romeno, o espanhol e o inglês.

A historiadora, em seus romances, abaixo citados, aborda temas sociais e históricos, como vemos a seguir:

- 1- *Olhos de ver* (Rio de Janeiro: Pongetti, 1967). O romance se caracteriza por um cunho social, e foi premiado pelo Instituto Nacional do Livro;
- 2- *Sete é número ímpar* (Rio de Janeiro: Artenova, 1971). A obra focaliza problemas da sociedade moderna, e teve distinção da Academia Brasileira

de Letras, com a apresentação do presidente na ocasião, Austregésilo de Athayde;

- 3- *Simbiose* (Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987). Na trama desse romance, quatro jornalistas são desafiados a escrever, em um ano, um romance que retratasse a realidade política e social brasileira;
- 4- *O mofo no pão* (São Paulo: Lisa, 1984). Esse romance está ambientado na época da Inquisição, e ficcionaliza fatos documentados historicamente;
- 5- *O sentido de distância* (São Paulo: Lisa, 19). No tema desenvolvem-se atos da Inquisição contra cristãos-novos;
- 6- *À sombra do holocausto* (São Paulo: Lisa, 2010). Esse romance reproduz a saga de cristãos-novos, no Brasil colônia e, nele estão reunidos os romances *O mofo no pão* e *O sentido de distância*, “trabalhados e ampliados, na nova versão”, segundo informações da autora em nota de agradecimento ao editor Leonicídio Balbino da Silva (p. 05);
- 7- *O tempo entre sombras* (São Paulo: Ler Lisa, 2016). Esse romance, sobre o processo da Inquisição no Estado do Espírito Santo e na Inquisição de Portugal, no século XVIII, trata de uma nova publicação de *A sombra do holocausto*, com um novo título e anexos de dados da editora Lerlisa;
- 8- *A fúria do vento* (São Paulo: Lerlisa, 2018). Esta obra apresenta a violência policial sofrida por um jovem e sua revolta como consequência dessa injustiça. Nessa obra desenvolvem-se temas sociais, políticos e filosóficos.

Em 1974, tive o prazer de receber e ler a obra de Neida Lúcia, *Sete é número ímpar*, quando ela cursava a Graduação em História, na Ufes, e era minha aluna de Expressão e Vernáculo. A partir desse romance, de abordagem social, venho

lendo obras dessa autora com representação fictícia/histórica, entre as quais escolho para uma breve análise *À sombra do holocausto* (2010), uma das quatro obras em que a romancista enfoca o tema da Inquisição, iniciado na obra *O mofo no pão* (1984), prosseguido em *O sentido de distância* (1985) e aprofundado em *O tempo entre sombras* (2016).

Linda Hutcheon (1991, p. 122) explica que a ficção e a História são discursos de sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado, e explica que o sentido e a forma estão nos sistemas e não nos acontecimentos. E são os sistemas de significação que dão acepção ao passado, transformando os acontecimentos passados em fatos históricos presentes. Esse proceder é “um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos”. Acresce essa estudiosa que ocorre a metaficção historiográfica (p. 145) quando existe “uma procura de desmarginalizar o literário por meio do confronto histórico”.

Objetivo observar a interseção História e Literatura, conforme as reflexões de Linda Hutcheon, cuja teoria considera que essas áreas se complementam: “[...] Na ficção pós-moderna, o literário e o historiográfico são sempre reunidos – e normalmente com resultados desestabilizadores, para não dizer desconcertantes” (HUTCHEON, 1991, p. 135-136).

Quando a ficção se volta para confrontar a problemática do passado como objeto de conhecimento para o presente, segundo Hutcheon (1991, p. 126), o leitor depara no intertexto do romance um encontro do metafísico com o historiográfico para suscitar o contexto cultural histórico no fictício.

Em *À sombra do holocausto*, o leitor vai se deparar, no processo criativo–temático de Neida Lúcia, a menção de um tribunal que julgava hereges (pessoas não adeptas ao cristianismo) e a prisão, julgamento e fuga de um agricultor do Espírito Santo, Nuno Alves de Miranda, preso em 06 de outubro de 1710.

Seu processo criativo decorre de uma limitada informação de um auto de fé de 26 de junho de 1711, que ela teve conhecimento, durante temporadas de leituras e análises de documentos com depoimentos históricos, encontrados nos Arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal.

Os escassos dados sobre o réu, no auto, levaram-na a ampliar a vida de Nuno em um romance, mencionando “a história de cristãos-novos, anônimos e sofridos, perdidos por esse imenso país delineado pelo Tratado de Madrid de 1750” (MORAES, 2010, p. 12) e, ao preencher os vazios das informações obtidas, durante a pesquisa naquele famoso arquivo de Portugal, se atenta a informações sobre o nível de escolaridade do acusado e de seus questionamentos sobre normas vigentes, como declara a autora na introdução do romance *À sombra do holocausto* (2010, p. 11), de que Nuno sabia ler e escrever, de que por suas crenças e ideais o julgaram mal, e de que, em seu depoimento, fez declarações contrárias à Igreja católica:

[...] tirei minha opinião de que os padres dizem que é pecado o que não é pecado, pois ninguém, além de Deus, pode julgar alguém, pois não conhecem suas razões, nem o que vai pelo seu coração, e como são diversas as maneiras de julgar-se um mesmo fato! Há tanta coisa que é mau para nós aqui, feio, horrível, lá adiante pode parecer bom e até bonito (MORAES, 2010, p. 11-12).

A autora inicia seu propósito de complementar o que a história silenciava sob a vida do capixaba Nuno Alves de Miranda, preso em 06 de outubro de 1710, com o livro *O mofo no pão*, retratando a vida sofrida de anônimos cristãos-novos, entre eles Nuno, Mariana, Raquel, Henri e Gonçalo. Depois, a pesquisadora, adentrando-se em leituras sobre a Inquisição, resolveu ampliar o tema desse Tribunal do Terror, responsável por muitos casos de torturas e injustiças, na obra *O sentido de distância*, levando um réu capixaba para Portugal: “Ardiam-lhe os olhos de vigília, o navio singrava os mares numa lentidão angustiante” (MORAES, 1997, p. 15). Ali, Nuno, encarcerado, se sujeitaria aos inquéritos no Tribunal do

Santo Ofício, mas junto com amigos lutará pela liberdade. Na obra encontra-se uma mensagem de solidariedade.

Prosseguindo em seu intento de registrar acontecimentos sobre cristãos-novos, perseguidos pela Inquisição no Espírito Santo e em Portugal, no século XVIII, escreve *À sombra do holocausto*, objetivo de nossa maior atenção. Continua seu processo criador com *O tempo entre sombras*, obra que o Prof. José Augusto Carvalho, na orelha do livro, declara: “[...] Nuno estava à frente de seu tempo, numa época de ignorância convenientemente mantida por uma teocracia que se acreditava dona da Verdade e da Fé. por isso esse livro é também um hino de liberdade o de amor à vida. [...]”.

Nessas obras Neida Lúcia dá destaque à situação social dos cristãos-novos, ao medo de represálias que os fazia ter cautela para não deixarem transparecer os costumes herdados. Cito uma explicação da narradora de *À sombra do holocausto*:

As leis dos seus antepassados não eram, em geral, transmitidas aos filhos pequeninos, os quais eram ensinados a frequentar a igreja católica, decoravam o padre-nosso e a ave-maria, os mandamentos, porque, se presos, seriam interrogados, tendo de provar serem católicos praticantes. Da mesma maneira, eram batizados e crismados. Então, em sigilo, judaizavam, e ensinavam aos filhos crescidos a lei de seus antepassados.

Raros os marranos a cultivar o puro judaísmo. As circunstâncias os impeliam a modificar certos hábitos, a circuncisão foi abandonada por completo. Mesmo alimentos proibidos no Antigo Testamento passaram a fazer parte dos seus cardápios, como a carne de porco, por exemplo, só evitada nos dias solenes ou santificados do seu calendário (MORAES, 2010, p. 65).

A autora nos apresenta, como vimos, em seus romances enredos sociais, políticos e históricos, porém, aqueles em que ela recorre a fatos históricos direcionando-os para o desenvolvimento do tema sobre a Inquisição, leva-nos a inserir sua ficção literária entre duas áreas de conhecimento: a que pretende ser exata e

verídica em seu relato, a História, e a que utiliza o recurso de fingir exatidão dos fatos, tomando os dados daquela, a Literatura, cuja força está na verossimilhança

[...] mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construto linguístico, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparente em termos de linguagem ou de estrutura; e aparecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo textos do passado com sua própria textualidade complexa. Mas esses também são os ensinamentos implícitos da metaficação historiográfica (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Também, apoiando-nos em Susan Silman, citada por Hutcheon (1991, p. 230), reafirmamos que as metafificações historiográficas não pretendem persuadir seus leitores quanto à correção na forma de interpretar o mundo.

A seguir, passo a destacar o romance *À sombra do holocausto*. Nessa obra a autora capixaba narra em 33 capítulos, acontecimentos ocorridos no Espírito Santo, no final do XVII e princípio do XVIII, desenvolvendo a saga judaizante de Nuno, filho de João das Neves Ayres de Miranda¹ e incluindo episódios acontecidos em Portugal, França e Holanda, relacionados com a prisão de Nuno e de outros cristãos-novos.

Nuno era um jovem panteísta, que amava a natureza em sua beleza e nela via Deus. Em seu depoimento ao padre Albino, que lhe aconselhou a guardar suas ideias para si mesmo, pois poderia ser levado para Salvador² e enfrentar a prisão, Nuno declara:

Eu amo a natureza, padre, amo o sol se pondo como ainda há pouco, o senhor viu a beleza das cores? Era um vermelho com cor de ouro, tão bonito, e eu amo o pôr do Sol é porque amo as águas do rio correndo, os lagos, o mar de Vitória, o verde das matas, os bichos... (MORAES, 2010, p. 23).

¹ Segundo a autora: "um dos homens que participou das Entradas, promovidas por Francisco Gil" (MORAES, 2010, p. 26).

² O Tribunal do Santo Ofício ficava em várias regiões do Brasil, mas o mais perto do Espírito Santo ficava em Salvador, Bahia e lá estariam os inquisidores que julgariam Nuno.

Para Nuno a beleza e a natureza, isto é, tudo o que amava era Deus e este era “o Sol, a Lua, o vento, a natureza.” (MORAES, 2020, p. 22). Por seus pensamentos expostos em lugares públicos e pelas murmurações que provocavam na vizinhança, ele foi muitas vezes advertido pelo Padre Albino, o pároco da vila, para que evitasse suas atitudes contestadoras afim de não chegar esse seu comportamento às instâncias religiosas superiores, afirmado-lhe que o aconselhava, por piedade dele e de sua mãe, visto que horrorizava saber que ele negava o espírito misericordioso de Deus, e que novamente blasfemara “contra Deus e os direitos divinos” (MORAES, 2010, p. 21). Castigado a permanecer de joelhos toda a noite, sem comer nem beber, por ter profanado com sua declaração o nome de Deus, protestará, dando a sua profissão de fé, escandalizando mais ainda o padre:

Ninguém manda em mim, não me ponho de joelhos coisa nenhuma. Nunca profanei o nome de Deus, amo o Senhor sobre todas as coisas. porque o Sol é vida, é luz, a chuva é força divina, faz nascer o capim que alimenta o gado (MORAES, 2010, p. 23).

Nuno não era compreendido em sua vila pelos assuntos que lhe interessavam e pelos questionamentos que fazia. Era um agricultor, mas era um idealista. Tinha uma mente aberta, com filosofia religiosa e política evoluída para sua época. Considerava que não era preciso haver divisões e competitividade em seitas religiosas, pois todos os credos levavam a Deus. Considerava a condição básica da vida dos homens e dos animais a justiça, a igualdade de riquezas, o amor a Deus, representado pela natureza (MORAES, 2010, p. 211). Diferenciava de seus vizinhos, pois sabia ler, interessava-se por estudos e era um leitor ávido. Era considerado na vizinhança como apóstata. Foi acusado de heresia, de estar metido com práticas judaicas, e de ser sua mulher uma feiticeira. Quando questionado pelo clero, por suas sinceras respostas, foi julgado insolente por dizer asneiras e não saber justificá-las (p. 34).

Nuno, a princípio, ficou detido “no colégio e na igreja de São Tiago por três meses, respondendo a questionários prolongados e recebendo as mais diversas penas de acordo com as sentenças proferidas” (MORAES, 2010, p. 36). Mas, depois, após sofrer fortes interrogatórios de severos juízes preconceituosos e de ficar preso e torturado, foi enviado para Lisboa.

Nuno nasceu no Espírito Santo, numa Vila “verde e bucólica que mais tarde viria a chamar-se Viana (MORAES, 2010, p. 27), em março de 1680, e ali cresceu e viveu num ambiente de simplicidade, entre as crianças filhas de agricultores, que cultivavam principalmente a cana-de-açúcar, numa época de pobreza no estado, devido ao Ciclo de Ouro (p. 28), metal que continuava sendo o grande chamarisco em terras da região, motivo da chegada de muitos forasteiros e aventureiros que subiam pelo rio Doce e seguiam para as Minas Gerais. Em Vitória, porém, a vida social continuava pobre, inexpressiva, segundo a narradora. O comércio fraco, o movimento insignificante.

Esse personagem desenvolveu a sua imaginação com as histórias das aventuras de Marco Pólo contadas pelo padrinho alferes que lhe ensinou a ler e, com ele, aprendeu as suas doutrinas filosóficas, religiosas e humanitárias (MORAES, 2010, p. 27). Apreciava as “narrativas fantásticas dos viajantes que passavam pela Vila”. Elas lhe proporcionavam “fantasias e invenções” (p. 27). Os ensinamentos recebidos do padrinho e as leituras que fez o levaram a buscar a verdade, que na sinceridade de manifestar sua inquietação acabou por leva-lo à prisão. A angústia vivida da personagem não altera sua crença, segundo informa a narradora onisciente no final da obra: depois de todos os sofrimentos passados, quando soube do terremoto seguido do incêndio em Lisboa³, Nuno chegou à conclusão de que na vida cada pessoa deve lutar por sua verdade e de que não se deve privar ninguém de pensar:

³ Ocorrido em 01 de novembro de 1755 (MORAES, 2010, p. 401).

Negavam a minha verdade. Eu negava a deles, mas eram poderosos, proibiam-me de pensar e dizer. Fui torturado, precisava sofrer, diziam, para que uma luz divina iluminasse a obscuridade do meu cérebro. O sofrimento purifica, afirmavam. Se não pensasse e falasse como eles, seria devorado pelas trevas do inferno.

Entretanto morreram eles esmagados, destruídos por uma força superior. Enterrados vivos nas fendas ferventes da terra, o odor tétrico das profundezas.

Cada homem é uma verdade, é dono da sua verdade. Se nos privam do nosso direito inato de pensar e raciocinar, acreditar no nosso absoluto e lutar por ele, que significa viver? (MORAES, 2010, p. 405).

A ficcionista, ao narrar a história de Nuno, preenchendo os espaços não claros de um auto de fé do século XVIII, mescla com a vida de Nuno, ou par a par com ela, acontecimentos históricos e políticos do Brasil anterior à vida de Nuno e coetâneo dele com datas precisas, vultos de existência registrada, mostrando-se, dessa forma, a historiadora. Ela rememora fatos históricos, como o confrontamento entre os habitantes do Brasil e os holandeses, a invasão francesa, o domínio espanhol, a imigração de escravos africanos, os movimentos constantes dos inquisidores de Portugal ao Brasil e vice-versa (MORAES, 2010, p. 25). Insere dados históricos sobre a diferença da Inquisição em Portugal e no Brasil:

No Brasil não houve tribunais, mas representantes e agentes do Santo Ofício, inspeção de navios, prisão de réus, visitações, autos, inquisições de denunciados, delações.

Existe um documento jesuíta manuscrito na Biblioteca Nacional de Nápoles, com a informação do empenho de um governador-geral em introduzir o Santo-ofício em terras do Brasil, sob sua governança, disposto a sacrificar todos os haveres nesse empreendimento. E se não o fez foi por ter naufragado nas proximidades de Buarcos em 1649 (MORAES, 2010, p. 92).

Por fim, a romancista mantém o contexto histórico, minimiza o fato oficial e coloca em destaque um episódio acontecido com um réu brasileiro, e do Espírito Santo, de ascendência portuguesa, que se encontrava registrado em um processo, limitado em informações, arquivado na Torre do Tombo, em Lisboa,

transformando os dados em um romance com 406 páginas. Nos fatos descritos de sofrimento, amor e paz, projetados intencionalmente para pôr em destaque acontecimentos individuais ocorridos com Nuno e a situação da cultura judaica, em preciso tempo e lugares, determinados por seu contorno histórico e cultural, e de uma forma que perfeitamente se integrem como reais ou finjam serem existentes num passado, está a magia que leva o leitor a receber da arte literária que Neida Lúcia nos oferece.

A escritora preencheu as insignificantes informações, imaginando situações de possíveis realizações com os cristãos-novos, no século XVIII, como uma forma de relembrar situações ocorridas com o povo judaico “perdido por este imenso país delineado pelo Tratado de Madrid de 1750” (MORAES, 2010, p. 12). Ela deu vida ao ser, imaginou um amor terno na pré-adolescência, com Raquel “dos cabelos alourados caídos em cataratas pelos ombros” (p. 39) e um amor carnal da juventude e da maturidade com Mariana, com quem Nuno se casou, e as possíveis perguntas de inquisidores, o sofrimento, as dúvidas de Nuno, os amigos que o apoiaram para sair da prisão no Brasil e em além-mar. Cria, para Nuno, um ambiente de antipatia de conhecidos preconceituosos, que condenavam seu modo de pensar, que o acusavam, criando fantásticas situações que envolviam sua vida e que o levaram aos severos juízes da Inquisição no Brasil e em Portugal. Dá verossimilhança aos fatos narrados, precisando a data de nascimento de Nuno, sua juventude e a idade que tinha, 22 anos, quando foi preso pela primeira vez para ser interrogado por jesuítas, indica o local, Colégio dos Jesuítas, em Vitória, na Cidade Alta, e faz um encaixe narrativo/historiográfico da reconstrução da igreja de São Tiago. Narra ainda a cerimônia do auto-de-fé do dia 26 de julho de 1711, em Portugal, colocando números exatos dos réus, suas atividades, para dar verossimilhança ao fato narrado: “Dos 52 réus brasileiros, 49 residiam no Rio de Janeiro e seus arredores (Nuno no Espírito Santo) e três na Bahia. Havia fazendeiros, médicos, comerciantes e lavradores” (MORAES, 2010, p. 243).

Numa polifonia de vozes, a narradora destaca passagens idílicas numa fusão da vida humana com a vida da natureza, e as inquisições bem elaboradas, que

davam oportunidade a mostrar os posicionamentos contrários. Ela utiliza recursos de monólogo interior para relatar os pensamentos de Nuno em sua luta contra a prepotência, nas interferências que considera tolas contra o amor (MORAES, 2010, p. 40), ou as de Rachel.

Em sua técnica narrativa Neida Lúcia torna a palavra interior expressiva por meio de um discurso não pronunciado e, onisciente, conhece os pensamentos dos personagens que participam de sua construção narrativa. Junto com os relatos da História do Brasil, a romancista coloca outros discursos como orações, como a predileta do Padre Albino, a que lembrava o amor de Santo Inácio pelos seus semelhantes.

Sendo o romance um versátil gênero literário, ele é capaz de incorporar uma ampla gama de discursos e estilos e a metaficação historiográfica, como declara Hutcheon (1991, p. 28; p. 40), desafia fronteiras e convenções de gêneros, elimina distância entre arte da elite e arte popular e, seguindo a característica do gênero a que está afiliado, *À sombra do holocausto* incorpora diferentes discursos, tais como o discurso histórico, poemas religiosos, documentos e entre eles o discurso poético, que pode ser detectado, de maneira especial, nas passagens que envolvem os amores de Rachel com Nuno, na adolescência, ou com seu amor da maturidade, Pieter, por exemplo, quando a narradora conceitua o amor. Mas, entre o poético e o lúdico, em *À sombra do holocausto*, na trama do trágico social político do século XVIII, Neida Lúcia Moraes entrecruza fantasia, imaginação, fatos, opiniões e seitas, que confirmam a sua qualidade de romancista e historiadora.

Referências:

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Neida Lúcia Moraes*. Vitória: AEL, 2005-. Disponível em: <https://wwwael.org.br/patrons_e_academicos/cadeira_19.html>. Acesso em: 8 ago. 2025.

HUTCHEON, Linda. Historicizando o Pós-Moderno: A Problematização da História. In: _____. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 120-137

INGARDEN, Roman. *A obra de arte Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

MORAES, Neida Lúcia. *A fúria do vento*. São Paulo: Lerlisa, 2018.

MORAES, Neida Lúcia. *À sombra do Holocausto*. São Paulo: Lisa, 2010.

MORAES, Neida Lúcia. *O sentido de distância*. São Paulo: Lisa, 1997.

MORAES, Neida Lúcia. *O tempo entre sombras*. 2. ed. São Paulo: Lerlisa, 2016.

RESUMO: Procuro destacar a projeção social-cultural da escritora Neida Lúcia Moraes, professora, historiadora, ativista cultural, que ocupou cargos importantes na administração pública, e apresentar uma breve análise de *À sombra do holocausto*, uma das quatro obras em que a romancista enfoca o tema da Inquisição, entre as quais escolho para uma breve análise, à luz da teoria da metaficcão historiográfica, por ser tratar de um fato ocorrido no Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História. Literatura brasileira – Espírito Santo. Neida Lúcia Moraes – *À sombra do holocausto*.

ABSTRACT: I seek to highlight the social-cultural projection of the writer Neida Lúcia Moraes, teacher, historian, cultural activist, who held important positions in public administration, and to present a brief analysis of *À sombra do holocausto*, one of the four works in which the novelist focuses on the theme of the Inquisition, among which I choose for a brief analysis, in the light of the theory of historiographical metafiction, because it is a fact that occurred in Espírito Santo.

KEYWORDS: Literature and History. Brazilian Literature – Espírito Santo. Neida Lúcia Moraes – *À sombra do holocausto*.

Recebido em: 21 de agosto de 2024
Aprovado em: 10 de setembro de 2025